

FACEBOOK: A TRIBUNA DOS INVISÍVEIS

FACEBOOK: THE TRIBUNE OF THE INVISIBLES

Fernando Teixeira Luiz  0000-0002-1175-4284
Universidade do Oeste Paulista
livrosta@hotmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v20i2.2050>

Recebido em 11 de janeiro de 2021

Aceito em 12 de março de 2021

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar a articulação entre os gêneros digitais e seus usuários envolvidos em situações de comunicação nas redes sociais. Para tanto, estaremos nos limitando à mídia virtual do *Facebook*, que, nos últimos anos, tem se tornado espaço onde muitos internautas expressam inquietações, opiniões divergentes e, sobretudo, manifestações de ódio, preconceito e militância política. Assim, para mapear e analisar o discurso de alguns usuários acompanhou suas respectivas postagens durante quatro meses (de maio a agosto de 2020) e, com base no quadro que se configurou, criamos um conjunto de categorias para melhor problematizar estes grupos (denominados, no ensaio, como “Narciso”, “Dorian Gray”, “Visconde de Sabugosa”, “Alex Delarg” e “Prisioneiros da Caverna”). Não temos, é claro, a meta de esgotar a temática e tampouco julgar suas posições, mas levantar alguns indicadores para o debate acerca do comportamento de uma sociedade que parece se mostrar cada vez mais insatisfeita e polarizada. Partimos, assim, para o levantamento de algumas possibilidades de leitura perante o citado material, sem a pretensão de finalizar, de modo categórico, o debate ou tecer apontamentos definitivos sobre as postagens. Ademais, contamos com a contribuição de alguns teóricos contemporâneos, ancorados a um aporte sociológico, com o propósito de sustentar a discussão em torno dos depoimentos, *memes* e fotografias publicadas no espaço virtual

Palavras-chave: Facebook; Mídias digitais; Preconceito; Sociedade.

Abstract: The present article has as its aim to approach the articulation between the digital genres and their users involved in situations of communication in the social networks. For that purpose, we limited ourselves to the virtual media Facebook which, over the last years, has become the place where Internet users express their divergent ideas and, above all, expression of hatred, prejudice and political militancy. Thus, in order to survey and analyze the profile of some users, we followed their activity online during four months (from May to August 2020) and, after that, we created some categories for better problematize these profiles (“Narcissus”, “Dorian Grey”, “Viscount of Sabugosa”, “Alex Delarg” and “cave prisoners”). Our goal is not to exhaust the theme, but to raise some indicators for the debate about the behavior of an increasingly intolerant, conservative and narcissistic society. We directed ourselves to some possibilities of reading the above-mentioned material, without the pretense of finalizing the debate categorically or provide definite appointment about the posts. Therefore, we count on the contribution of some contemporary theorists, anchored to a sociological contribution, with the purpose of sustaining the discussion around the testimonies, memes and photographs published in the virtual space

Key-words: Facebook, Digital Media. Prejudice, Society

1 Introdução

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.
(SARAMAGO, 1995, p. 02)

Segundo Jerônimo (2008), a *palavra*, envolvida pelo contexto histórico, social e ideológico, configura-se como principal elemento inserido no discurso, expressando, na condição de *signo*, as concepções acerca da realidade construída por determinado grupo. Desse modo, a seleção intencional de vocábulos empreendida pelo sujeito na construção de seu discurso deixa transparecer suas convicções políticas, suas aspirações utópicas e, sobretudo, seus preconceitos. Também no que tange à palavra, são oportunas as considerações de Bakhtin (1929). Para Luiz (2009), o estudioso russo não a concebe como foco direto de ideologia, se vista de maneira isolada. Problematiza-a como elemento neutro que se transforma em signo quando funciona ideologicamente, isto é, quando se encontra contextualizada em uma situação discursiva, expressando um significado literal e social. No plano cultural, em que a conotação se faz continuamente presente, os vocábulos extravasam o sentido dicionarizado e começam a representar o que se inscreve no universo textual e nas condições situacionais de produção da mensagem. A palavra passa a deter um significado peculiar, único, construído, de modo estratégico e intencional, pela arte.

Além da esfera linguística, outro aspecto merece destaque: a imagem. Atréada ao signo verbal, a imagem igualmente reflete determinados posicionamentos, tornando-se, na mesma proporção, foco de expressiva carga ideológica. Nesse sentido, o jogo de luz e sombra estampado nas formas visuais, bem como o plano de enquadramento, as referências intertextuais e a seleção de cores empregadas podem ser problematizados como materiais reveladores de determinadas intenções e pretensões, da visão de mundo que o enunciador apresenta de si mesmo e de aspectos culturais e comportamentais de uma sociedade e de uma época

Intercalando a linguagem verbal, visual e audiovisual, como também hipertextos, temos os gêneros digitais e suas múltiplas possibilidades de comunicação, como *blog*, *vlog*, *fanfiction*, *wiki*, *e-mail*, *chat* etc. Gêneros, inclusive, sublinhados pela *Base Nacional Comum Curricular* (2015) no que tange ao processo de formação de leitores e, por conseguinte, ao desenvolvimento de interações em diversas modalidades textuais. Nesse cenário, ganham destaque as redes sociais e a difusão e popularização de *memes* - satirizando fatos relevantes da atualidade - e *emojis*, representações gráficas empregadas nos diálogos *on-line*.

Considerando estes dados, a meta do presente ensaio é examinar e polemizar a articulação entre os gêneros digitais e seus respectivos usuários imersos em situações de comunicação nas redes sociais. Dada a necessidade de recorte do objeto, estaremos nos limitando à mídia virtual do *Facebook*, que, nos últimos anos, tem se tornado espaço onde internautas expressam posicionamentos polêmicos, opiniões divergentes e, principalmente, manifestações de ódio, discriminação e militância política. Não temos, é claro, a finalidade de esgotar a temática, mas levantar alguns indicadores para o debate acerca do comportamento de uma sociedade cada vez mais intolerante, conservadora e narcisista. Para tanto, tomamos como referência algumas publicações de internautas no *Facebook*, registradas no ano de 2020, em pleno contexto de pandemia de coronavírus. Partimos, assim, para o delineamento de algumas possibilidades de leitura perante o citado material, sem a pretensão de finalizar o debate de modo definitivo ou tecer apontamentos conclusivos em torno das postagens.

2 Notas sobre o Facebook: o diário, as fotos e o vazio.

Impondo-se no *ciberespaço* como uma das mais populares redes sociais, o Facebook foi lançado em 2004, atingindo a marca de 1 bilhão de usuários em 2012, dobrando o citado número quatro anos depois. Seus fundadores - Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes – pertenciam à Universidade de Harvard, e, naquele contexto, apostaram em uma mídia bastante interativa. Na plataforma, diferentes sujeitos conectados em uma rede virtual – parentes, colegas de trabalho, amigos de escola etc – ganhavam espaço para compartilhar fotografias, *memes*, declarações e vídeos, com destaque para os modos de interação que manifestavam por meio de “curtidas” ou comentários. Destaque ainda para as mensagens privadas encaminhadas “inbox”, possibilitando uma comunicação independente dos *posts* visíveis. Para Marcuschi e Xavier (2005), o discurso eletrônico revela alguns traços bem peculiares. Os participantes aqui recorrem a uma escrita minimalista, abundante em siglas e abreviações nada convencionais. O espaço, por sua vez, explora uma diversidade de gêneros do discurso e tipologias textuais, estabelecendo, inclusive, a mescla de vários gêneros. Revela-se, ademais, o hipertexto, uma vez que o leitor pode percorrer vários caminhos, sem, necessariamente, sentir-se obrigado a se submeter a uma linearidade. Muitas postagens, não obstante, conduzem o destinatário para outros *sites*, *vlogs* ou *blogs*, que poderão, igualmente, ser compartilhados caso o internauta sinta necessidade. A cada foto, mensagem ou vídeo, intensifica-se o desejo de reafirmar a autoimagem de um profissional de sucesso, realizado, portador de uma vida social plena e rodeado de amigos, conforme explicaremos detalhadamente adiante.

As declarações, depoimentos, *memes* e fotos publicados no território virtual geraram uma pequena e significativa amostragem de vinte e sete textos verbais, visuais e multimodais. As publicações, basicamente, versavam sobre política, humor, passeios, normas de gramática e frases de efeito. Para organizar a heterogeneidade de vozes que se configurou, optamos por dividir os doze internautas que acompanhamos entre os meses de maio e agosto de 2020, e, conseqüentemente, suas respectivas postagens, em quatro grupos. O caminho metodológico adotado não teve o objetivo de rotular ou julgar o material disponibilizado pelos usuários, mas encontrar características similares entre determinadas declarações, *selfies* e imagens que justificassem a presença nesta ou naquela categoria e viabilizassem uma discussão mais fluente e pontual acerca dos posicionamentos ideológicos identificados em cada discurso.

Nessa linha, detectamos pronunciamentos marcados por uma postura mais vaidosa e individualista, que optamos por filiar às imagens literárias de Narciso e Dorian Gray. Visualizamos ainda um segundo conjunto de postagens com propósitos mais “pedagógicos” ou “pseudopedagógicos”, identificados com a personagem lobatiana do “Visconde de Sabugosa”. O terceiro grupo, representado por usuários que investiam em *memes* com a intenção de gerar humor (“trolagem”), foram apontados, aqui, como sujeitos filiados a “Alex Delarg” (do filme *Laranja Mecânica*, 1971). O último grupo, com muitas postagens negacionistas minimizando o problema da pandemia no Brasil, recebeu a denominação de “Prisioneiros da Caverna”, em plena sintonia com a alegoria de Platão. As múltiplas referências à literatura, à filosofia, à mitologia e ao cinema, justificando as especificidades de cada categoria, serão esclarecidas mais adiante.

No geral, podemos contemplar o seguinte quadro:

Categorias:	Número de internautas.
Narciso e Dorian Gray	03
Visconde de Sabugosa	03
Alex Delarg	02
Prisioneiros da Caverna	04
Total de participantes	12

No entanto, convém ainda destacar que os participantes não publicavam apenas conteúdos que se inscreviam nesta ou naquela modalidade. Havia também postagens sobre outros assuntos, como poemas, reuniões de família, momentos no trabalho, declarações de amor, homenagens etc. O que nos motivou a aproximar o participante de determinada categoria e, conseqüentemente, seguir suas postagens ao longo de três meses devia-se ao fato de que notamos, entre suas publicações, maior incidência de textos de acordo com os grupos elencados. Em outras palavras, verificamos que no fluxo de declarações e imagens, alguns discursos aproximavam-se por dialogarem com o mesmo eixo temático: vaidade, frases de efeito, *bullyng* e retórica negacionista. Cumpre assinalar, desse modo, que o presente estudo não teve, portanto, o escopo de rotular ou avaliar o comportamento do internauta, mas problematizar o conteúdo de alguns materiais que divulgaram no citado período.

Uma vez identificado o caminho metodológico desse estudo, passemos aos esclarecimentos acerca do primeiro grupo de participantes.

3 Os espelhos de Narciso e os autorretratos de Dorian Gray

Debord (1967) acentua que o “espetáculo” constitui uma forma de sociedade em que a vida real entremostra-se vazia e fragmentada. Conseqüentemente, os sujeitos investem e consomem imagens do que lhes falta em sua experiência real. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (p.22). “Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, isto é, social, como simples aparência” (p.23). Nos meandros do espetáculo configurado no universo contemporâneo, revela-se a suposta dependência do sujeito perante as regras da rede social. Seu sucesso se condiciona e se concretiza a partir do número de “curtidas” que sua postagem (declaração ou fotografia) conquistou entre os demais internautas. Nesse jogo, o narcisismo está em primeiro plano, alimentado pela aprovação dos demais integrantes do universo virtual. Edifica-se, a partir das fotografias em lugares exuberantes ou em reuniões festivas, a projeção de um simulacro da própria existência humana. Vende-se, portanto, a imagem de um profissional bem-sucedido, de uma pessoa feliz e realizada em sua dimensão afetiva, de alguém que carrega vastas experiências edificadas a partir de uma vida social plena e movimentada. Nos interstícios das relações interpessoais estabelecidas, exalta-se a meritocracia, a falácia do vencedor, o perigoso discurso de glória justificado pelo próprio esforço.

No pacto aqui instaurado, não há espaço para a solidão, nem para o fracasso e tampouco para a fragilidade. Omitem-se todas as mazelas, toda a carência, todas as frustrações com o propósito de compactuar com os modelos construídos e propagados pela própria mídia. Ávida por copiar o comportamento estampado nestes modelos, encontra-se parte expressiva de internautas representantes da classe média, com idade entre 25 e 50 anos, assíduos frequentadores dos “ambientes virtuais” do *Facebook*.

Parece este constituir um padrão de comportamento que pauta as práticas dos usuários nas redes sociais. Registrar um momento prazeroso não basta. É preciso informar – sustentado por uma vaidade tão perigosa quanto a de Narciso ou a de Dorian Gray – a todos os demais contatos e usuários de que se desfruta de uma vida plena. Para atingir tal meta e reiterar o espetáculo, exibem continuamente imagens do próprio corpo após longas horas na academia, mostram-se preocupados em fotografar a fachada do “barzinho” onde estão consumindo e, para demonstrar também capital social, prestam-se em divulgar *selfies* em que estão acompanhados de alguma personalidade de notável influência e apelo popular (algum cantor, repórter ou proprietário de determinada boate).

A necessidade de pertencer ao seletivo grupo de supostos “vencedores”, copiar seus hábitos, reiterar o pacto com o espetáculo de uma vida ficcionalizada e se expor ao outro para satisfazer a própria vaidade é tanta, que, muitas vezes, nem está em cogitação a mutilação da própria vida privada. Nesse percurso de aniquilação do próprio eu, pessoas insistem em aderir ao jogo de máscaras e propagar a mensagem de uma vida social agitada e de uma felicidade obrigatória. Para tanto, chegam a fotografar e a postar imagens do próprio alimento que estão consumindo em uma lanchonete ou petiscaria. Impõe-se o desejo de expor para o outro o próprio cardápio, a cerveja de marca ou a sobremesa de preço elevado, como se acreditasse que seus hábitos alimentares fossem capazes de provar para a sociedade que se está, de fato, “vivendo a vida” da melhor forma possível. A fotografia, desse modo, converte-se em signo de felicidade, projeção de uma existência agraciada pelo sucesso. Nos bastidores de todo *glamour*, porém, escondem-se, muitas vezes, cidadãos insatisfeitos com a própria realidade e que ainda se prestam em sublinhar e reproduzir a mesma retórica e os mesmos valores de uma elite jovem, branca, heterossexual, cristã, conservadora, que se sustenta a partir da própria beleza alardeada nos veículos de comunicação.

A vaidade, como marca expressiva da sociedade contemporânea, inscreve-se nas ações dos diversos usuários categorizados em taxonomias não muito diferentes que elencamos como tributários de “Narciso” e “Dorian Gray”. O primeiro, da mitologia grega, reporta à trajetória do sujeito encantado pela própria beleza, agraciado com a possibilidade de usufruir de uma vida longa, desde que não contemplasse o próprio semblante. O segundo, do romance de Oscar Wilde, dialogando com o mito de Narciso, debruça-se sobre a construção de uma personagem marcada pela influência do hedonismo e pela consciência de uma suposta juventude eterna.

Revelam-se, assim, grupos marcados pela necessidade de divulgar *selfies*. Segundo Costa (2016), a *selfie* é concebida, na maioria das vezes, como um sintoma de narcisismo. A manipulação das fotos para deixar o sujeito mais atraente assinala-se como um traço bastante recorrente. Logo, o indivíduo – em uma perspectiva que reporta a Dorian Gray pela busca contínua da juventude – tende a acreditar e, por conseguinte, assumir a concepção de um eu muito mais jovem e sedutor, distanciando-se do que ele realmente é. “A obsessão com as *selfies* pode então ser explicada pelas infinitas chances de se tirar um retrato em que a pessoa se aproxime do seu ideal de ser e, dependendo do aplicativo, pode usar filtros que ajudem a realçar a beleza do retrato” (p.28). Soma-se a este dado, ainda, a possibilidade de manter a própria imagem na rede social por longos anos, sustentando uma juventude forjada por aplicativos. Juventude que já se perdeu durante o tempo, mas que o usuário insiste em preservar na plataforma para dar continuidade ao “espetáculo” problematizado anteriormente por Debord (1967).

Considerando as nuances deste quadro, passemos à unidade seguinte, em que observaremos como um segundo grupo – marcado pela vaidade intelectual – projeta-se no *ciberespaço*.

4 A cartola do Visconde

O *Facebook* estrutura-se a partir de uma pluralidade de discursos (PIMENTEL, 2014; SILVA et al., 2016) em que gêneros e tipologias textuais diversas desfilam em um fluxo ininterrupto perante os olhos atentos do leitor, cuja participação consiste em manifestar seu apoio para com o espetáculo visualizado ou igualmente contribuir com novas postagens. Nesse sentido, cumpre destacar que, ao lado das imagens sedutoras rubricadas por internautas narcisistas, eleva-se um outro grupo de participantes (também tributário de Narciso) que entende a rede social como *espaço importante para divulgação do conhecimento e, conseqüentemente, de seu trabalho docente*. Por trás dessa retórica, encontra-se uma concepção um tanto quanto idílica de educação, de ciência e de circulação de informações supostamente relevantes, conforme esclareceremos mais adiante. Exemplos desse segmento podem ser facilmente detectados no espaço virtual: professores de língua portuguesa apresentando “dicas” de gramática, educadores postando frases clichês de pseudointelectuais ou acadêmicos divulgando revistas renomadas em que publicaram seu último artigo. Constituem práticas, de fato, até “motivadoras”, mas que talvez não surtam o efeito necessário (e desejado) no território do *Facebook*. Quanto ao primeiro e segundo caso mencionado (que se debruça sobre macetes da língua portuguesa e frases de efeito vinculadas a nomes populares como Augusto Cury e Olavo de Carvalho), vale lembrar que, na maioria das vezes, não são textos que resultam de pesquisa e reflexão por parte do docente (como ocorre no terceiro caso), mas mensagens presentes em outros *sites* e que acabam sendo, na verdade, apenas reproduzidas e “compartilhadas” pelo usuário. O educador, aqui, não é sujeito ativo no processo de construção e veiculação do conhecimento, tendo sua ação restrita ao ato de consultar e divulgar frases impactantes já sistematizadas por outrem.

Para esclarecer melhor a crítica que insistimos em empreender, tomemos como exemplo o período de surgimento da pandemia de coronavírus no Brasil, em março de 2020. Naquele contexto, eclodiam manifestações variadas – a favor e contra – as ações do governo federal no que diz respeito, por um lado, às políticas de saúde e, por outro, ao discurso de “salvar” a economia, mesmo que isso custasse um genocídio. Diante da realidade caótica instaurada, as postagens de gramática normativa e as recomendações de consideráveis revistas científicas pareciam deslocadas de todo aquele universo dantesco. Em meio ao medo coletivo de adoecer, de perder um ente querido, de um eventual colapso no sistema de saúde ou de ser demitido, por conta da quarentena instaurada, postagens daquela ordem não se mostravam significativas e nem poderiam atingir leitores acuados pelo perigo da morte e do desemprego iminentes. Assim, a metáfora do Visconde de Sabugosa, que abre a presente seção, parecia caracterizar bem o eixo de professores e demais profissionais que insistia em caminhar na contramão da tragédia e exercer seu ofício pedagógico, ainda que tal meta não fizesse sentido algum naquela situação. Situação, aliás, em que a humanidade toda se encontrava ameaçada e sem perspectivas. Em 1920, Monteiro Lobato explorava, por meio do sábio sabugo que habitava uma biblioteca, a caricatura do intelectual distante dos problemas sociais e, por conseguinte, mergulhado em um universo livresco. Sua projeção, igualmente salpicada de toques de Narciso, mostrava-se atualizada entre determinados usuários da plataforma que preservavam a aula, o jargão acadêmico, a doce imagem de disseminação do conhecimento entre alunos, colegas e desconhecidos. Entretanto, alunos, colegas e desconhecidos revelavam, por meio do silêncio identificado na total ausência de “comentários”, “curtidas” ou “compartilhamentos” destas publicações, que suas

necessidades eram outras e que seus interesses encontravam-se abalados por uma nova realidade que se impunha gradativamente: a incerteza no futuro, a insegurança no mercado de trabalho, a revolta e a impotência perante o descaso das autoridades, o temor em meio a tantas mortes noticiadas diariamente e, sobretudo, a insegurança frente às proporções que tudo isso assumirá, mais tarde, no país.

Uma vez problematizado o discurso do grupo que denominamos “Visconde de Sabugosa”, passemos à próxima seção a ser investigada.

5 Filhos de Alex Delarg

Segundo Guerreiro e Soares (2016), as práticas de linguagem, na pós-modernidade, imprimem-se de modo multimodal. Em outras palavras, diversos códigos estéticos fundem-se para criar novos efeitos aos discursos, “aliados juntamente aos novos *layouts*, fontes textuais e *softwares* disponíveis no *ciberespaço*” (p.188). Com o advento da internet, diferentes gêneros sofreram alteração em suas respectivas configurações, ao passo que outros foram reinventados para preservar a comunicação no espaço digital. Entre os gêneros que se destacam por sua dinamicidade, Guerreiro e Soares apontam o *meme*. Não poderíamos, é claro, nos abster do presente debate, tendo em vista a incidência do *meme* no *Facebook*. Movido pela comicidade, o mencionado gênero digital demarca seu território com base em diferentes perspectivas: satirizar uma situação do cotidiano, oferecer uma caricatura do comportamento humano ou parodiar alguma figura emblemática do universo político ou cultural. No entanto, paralelo a estes reendereçamentos, vigora, no ambiente virtual, a projeção, construção e circulação de *memes* a partir de uma vertente de humor que, muitas vezes, acentua a intolerância, o ódio e o preconceito. Ainda que vários internautas se divirtam com as imagens veiculadas, observa-se que os elementos articuladores responsáveis pela comicidade (como trocadilhos, intertextualidade, recorrência intencional a homônimos e parônimos, figuras de linguagem, signos visuais etc) acabam reproduzindo uma retórica marcada pelo rebaixamento e pela exclusão de específicos segmentos sociais: negros, pobres, mulheres, gordos, asiáticos, latinos e homossexuais.

O tipo de humor aqui edificado – nos mesmos moldes de propostas degradantes como as que envolvem os programas *A praça é nossa* (2020) e *Pânico na Band* (2017) - tem como base a repulsa perante o diferente, o exótico, o que está à margem, sustentando, conseqüentemente, o desprezo por estes integrantes. O responsável por postagens dessa ordem - que designamos, no subtítulo dessa seção, como filhos do anti-herói Alex Delarg, em alusão ao romance e ao filme *Laranja Mecânica* (1962, 1971) – recorre, muitas vezes, a uma seleção lexical que demarca um posicionamento axiológico bastante perigoso. Deixa transparecer, a partir do entrecruzamento de signos disponibilizados ao longo do discurso, um conjunto de aspectos ideológicos que alimentam a intolerância para com a diversidade humana. Para tanto, tomemos como referência uma imagem veiculada, em 2020, por um internauta, centrada em uma mulher gorda.

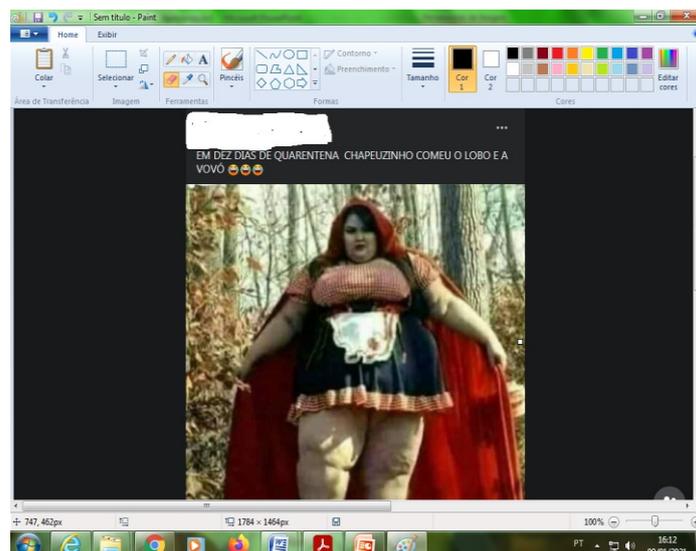


Fig 01. Facebook, 2020.

Ao explorar o corpo obeso, a imagem ocupa-se em ressignificá-lo com violência, a ponto de torná-lo, para seu destinatário, objeto de deboche. Há um problema de saúde latente, embora o percurso recepional projetado para o leitor ignore este dado e se fixe, mediante uma perspectiva unilateral, no fato de a mulher se afastar do padrão de beleza imposto pela indústria cultural contemporânea. A jovem, provavelmente diagnosticada com obesidade mórbida, encontrava-se com indumentárias similares às utilizadas pela personagem Chapeuzinho Vermelho, referência intertextual aos contos de fadas europeus que vigoraram no intervalo entre a Idade Média e Moderna. No conto tradicional, Chapeuzinho tratava-se de uma criança responsável por levar guloseimas à casa da vovó. Tendo como base os princípios do dialogismo e, por conseguinte, da paródia, a personagem foi recriada no *meme* com base na substituição do corpo da menina pela jovem obesa. Logo, as vestimentas que caracterizavam a criança e se consolidavam como signos típicos da protagonista (o capuz vermelho e a saia rodada), aplicados em um corpo diferente, geravam estranhamento do leitor. A nova roupa, na verdade, acentuava as pernas e os seios da garota, sublinhando seu excesso de peso. A fotografia, desse modo, revestia-se de um aspecto bufão, *clownesco*, condicionando, de modo intencional, a reação do espectador diante do quadro visualizado na plataforma.

O texto parece incitar o leitor para o deleite em meio à humilhação do corpo alheio. O corpo, aliás, por se afastar do convencional, sugere a discriminação como resposta a todos os estímulos negativos instituídos no material semiótico. A imagem perde seu aspecto plurisignificativo ao conduzir, cada vez mais, seus interlocutores para um posicionamento acerca de um espetáculo enraizado nos dilemas da gordofobia. A sentença ultrajante coadunada ao *meme* (“Dez dias de quarentena e Chapeuzinho comeu o lobo e a vovó”) reitera o discurso de intolerância diluído na fotografia. Tal enunciado corrobora os princípios preconceituosos que norteiam a essência da postagem, reproduzindo, assim, o efeito de uma anedota bastante previsível. Na literatura de Charles Perrault, a pequena heroína e a avó eram devoradas pelo lobo. Aqui, inverte-se a proposição – sublinhando o verbo *comer* – para representar não apenas uma Chapeuzinho com um apetite insaciável, mas, principalmente, para atender, mais uma vez, à dessacralização da personagem (a partir de um estigma) e a sugestão de que o sobrepeso inviabilizava qualquer resquício de beleza ou bondade na jovem. Diferente do texto literário, portador de uma função *humanizadora* (CANDIDO, 1991), produções

desse porte insistem em explorar as diferenças humanas por meio de uma agressividade simbólica, sendo, mesmo assim, reproduzida exaustivamente na *internet*. Entre os internautas, muitas vezes não há interesse em cogitar se tal postura gere ou não sofrimento nas vítimas.

Considerando as especificidades das postagens que circulam entre os filhos de Alex Delarg, daremos continuidade às observações a partir da análise de um outro grupo: aqueles que se encontravam acorrentados no interior de uma caverna.

6 Os Prisioneiros da Caverna

Possivelmente o aspecto que mais surpreenda, em meio ao intrincado e polifônico labirinto de postagens do *Facebook*, ainda seja o posicionamento dos usuários perante questões pungentes que assolam a sociedade. É o que se verificou no pequeno grupo, formado por quatro participantes, que acompanhamos de maio a agosto de 2020. Nessa linha, é importante frisar que não estamos problematizando seus perfis, mas o discurso materializado em suas postagens, a carga ideológica contida nos interstícios textuais. Discursos estes que eram veiculados de duas formas: na primeira, os internautas assumiam publicamente a autoria e, na segunda, simplesmente “compartilhavam” os enunciados de outros grupos instalados no *Facebook*.

Em 2020, este grupo revelava, por meio da escolha de imagens apelativas e da seleção lexical empregada na tessitura de seus respectivos textos, a intolerância política, a adesão a “heróis” compactuados pela mídia e, em especial, a legitimação da barbárie como necessária para preservar a ordem e a economia de uma nação. A primeira leitura das postagens desse grupo – não apenas no *Facebook*, mas também em outras redes sociais – possibilitou a composição de um quadro nada cordial: a) defendem que a origem da crise econômica instaurada no país encontra-se exclusivamente na gestão dos partidos de esquerda; b) ignoram o que seja uma ditadura e acreditam que os regimes autoritários sejam necessários para conter o problema da corrupção; c) desconfiam da ciência e demonstram total apreço pelo pensamento mágico e religioso; d) embarcam em proposições já superadas, como a concepção “terra-planista” e o “criacionismo”; e) evitam obter informações de diversas fontes, encontrando uma suposta “verdade” apenas na fala de um líder político ou religioso; f) são radicais no aspecto político, assumindo uma postura de ódio perante os partidos que representam a oposição; g) contribuem com a disseminação de *fakenews*, mesmo, muitas vezes, cientes de que são informações forjadas; h) sustentam o discurso de deteriorização da família tradicional brasileira em razão da “ameaça” representada pela “ideologia de gênero”; i) incorporam uma concepção equivocada de “comunismo”, empregada ora com sentido de “nazismo”, ora para definir qualquer posicionamento contrário ao governo; j) absorvem um pensamento elitista, explicando as diferenças sociais a partir de categorias ingênuas como “indolência”, “despreparo” ou “falta de sorte”; k) julgam as políticas públicas direcionadas às camadas sociais desfavorecidas como “paternalistas”, visto que insistem na assertiva de que a ascensão social é resultado exclusivo de dedicação, esforço e mérito; e l) demonstram ceticismo pela mídia jornalística e preferem se informar por meio das redes sociais.

Para Adorno (1967), a importância crucial da *educação* está em impedir o retorno à barbárie, à repetição dos horrores de Auschwitz. Contudo, o curioso quadro que se delineou no fluxo de postagens observadas (entre maio e agosto de 2020) parece indicar que caminhamos, infelizmente, em outra direção. O apoio incondicional a um líder que presta homenagens a Carlos Alberto Ustra, projetando-o como herói, é o maior indicador dessa assertiva. Paralelamente ganha destaque, nos meios de comunicação, a

retórica de que nunca houve golpe militar no Brasil, de que os assassinatos na ditadura foram perfeitamente justificáveis para preservar a pátria, de que armar a população vigora como a melhor alternativa para conter a violência, de que o movimento da “escola sem partido” fazia-se necessário por conta das influências marxistas, de que, em plena pandemia de coronavírus, era essencial lutar bravamente pela economia, já que não haveria mais o que fazer em razão das vítimas que se abateriam (“Infelizmente algumas mortes terão. Paciência. Acontece. Vamos tocar o barco”, diria o próprio presidente da República). Retomando o texto clássico de Adorno, resta lamentar que a barbárie tenha novamente ressurgido, expondo, entre as vísceras humanas, o que há de mais degradante. Nesse quadro devastador, a educação constituiria um elemento importante para que não chegássemos a uma hecatombe. Todavia, as postagens com as quais “partilhamos”, “curtimos” e “comentamos” evidenciavam o quanto a informação ainda havia sido negada para estes segmentos sociais. Desconheciam a história do próprio país, a militância de educadores, escritores, músicos e poetas. Demonstravam conhecimentos mínimos de História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Literatura e, sobretudo, *interpretação de textos*.

Quando os conhecimentos científicos são negados, as “teses” do terraplanismo vislumbram parte da população e Olavo de Carvalho é apontado como referência no universo cultural brasileiro, torna-se salutar uma reflexão um pouco mais cuidadosa a respeito dos caminhos não percorridos pela educação e como chegamos à atual crise. Os *memes* preconceituosos, os vídeos ufanistas e os textos enviesados, salpicados de ódio, que circulam no *Facebook*, são indícios de que algo, na sociedade, não está nada bem. Ademais, a construção de pseudo-heróis, atrelada ao fanatismo decorrente dessa perigosa construção, constitui um traço impresso em parte significativa de postagens. Aqui, criação e culto revelam, por meio da linguagem, a adesão a um projeto político que a maioria dos internautas desconhece, mas, inevitavelmente, confia e apóia. Em um momento em que o país encontra-se fragilizado e esfacelado pela crise econômica, a busca do herói redentor, cristão e nacionalista – o suposto representante da coletividade e o “messias” na tradição judaico-cristã – impõe-se em meio a uma legião de adeptos.

No hiato entre a produção da mensagem que reverencia o herói e, a seguir, sua recepção – e posterior disseminação na rede social – nota-se uma dialética entre a ideologia sustentada pelos autores anônimos (que disparam as mensagens) e a respostas imediatas do leitor, assumindo tal discurso em sua própria página no *Facebook*. As estratégias lançadas pelos autores anônimos com o propósito de convencer o destinatário, na rede social, consistem em explorar a insatisfação coletiva perante o quadro caótico do país e, em contrapartida, elevar os heróis que aclamam como alternativas para superar os impasses. Na busca pela projeção e afirmação do idealizado herói, a figura de um militar que chega ao poder com uma campanha permeada de expressões litúrgicas (“O Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”) e enaltece, em primeiro plano, a família tradicional brasileira, parece definir-se como o mote perfeito para atingir segmentos que se identificam com o apelo religioso, o nacionalismo arrebatador e o discurso reacionário. Vigora nas mensagens “compartilhadas” o delineamento de um perfil de leitor marcado pela postura dogmática ao avaliar o material de leitura que está à sua disposição.

Eco (1989) ressalta que todo texto é uma operação planejada para provocar no destinatário potenciais reações. Muitas vezes, porém, a dimensão latente e pragmática desse material (que envolve pressupostos e subentendidos) não é captada pelo leitor, que se fixa na literalidade do discurso e não consegue reconhecer o complexo, dinâmico e intencional jogo de signos inscrito nos meandros do *meme* ou de outro gênero digital. É o que pode ser visualizado no posicionamento de determinados usuários da

plataforma do *Facebook*. Não mantendo um olhar crítico para a retórica do governo em prol de determinadas ações políticas, os internautas explicitam a expressiva adesão a intervenções que afetam e, muitas vezes, anulam seus próprios direitos. Movidos pela indignação direcionada por este ou aquele partido de oposição, aceitam, com passividade, as novas “regras do jogo” sem medir as consequências ou os danos que acarretarão futuramente. É o que se constata, por exemplo, quando, motivados pela emoção, “publicam” ou “reencaminham” textos com nítido apelo partidário, como pode ser apurado a seguir: “Santa convocação do nosso presidente Jair Messias Bolsonaro para um jejum nacional em 05 de abril, próximo domingo” (Facebook, 2020); “O Brasil é o único país onde os políticos querem tirar o presidente do poder porque ele não é corrupto” (Facebook, 2020); “Não seja trouxa. Se a Nova Previdência fosse para ferrar o mais pobre, já estaria aprovada no Congresso. Se ligue, se informe” (Facebook, 2020).

É, contudo, no momento em que os sujeitos deixam de simplesmente “compartilhar” os gêneros digitais para, enfim, tecer seus comentários, declarações e pronunciamentos, que se desenha um quadro ainda mais complexo e passional. Em cada relato, indícios de uma perigosa polarização política. A voz de muitos internautas, que ecoa por toda a plataforma labiríntica do *Facebook*, entremostra-se solidária aos heróis e mitos que insistem em apregoar. Na defesa por seus princípios (muitas vezes religiosos), não hesitam em abandonar os próprios direitos e pôr em risco a respectiva integridade física. Tal dado ganha contornos ainda mais impressionantes com a pandemia de 2020. Ainda que a Organização Mundial de Saúde alertasse quanto ao perigo iminente da covid-19 e sugerisse a quarentena como meio de evitar um colapso no sistema de saúde, o governo federal brasileiro ignorava a orientação e saía às ruas cumprimentando as pessoas em grandes aglomerações. A reação no *Facebook* foi imediata: mesmo que alguns usuários condenassem a prática do presidente da República, inúmeros sujeitos colocavam-se em sua defesa e, igualmente, lotavam ruas e avenidas. Comungando do mesmo ato de insensatez e também desprezando os apelos e as estatísticas acerca do substancial número de infectados, os adeptos ao discurso de Jair Bolsonaro reproduziam a informação de que o coronavírus não representava nenhuma ameaça. Tanto que, enveredando por caminhos suicidas, apoiadores chegavam a postar mensagens incitando a população para que saísse de casa, retomasse o trabalho e desconsiderasse tanto as matérias veiculadas pela imprensa quanto as determinações da OMS. Validados ou não pelos princípios de uma necropolítica (MBEMBE, 2016), justificavam aquelas ações por meio de uma teoria da conspiração: a pandemia era um engodo insuflado pela oposição para falir o país e atingir o governo.

É o que podemos observar na postagem logo abaixo:

Esta' dificil roubar???? Tentaram com a Amazônia em chamas, com a Marielle, com o porteiro do condomínio, com a avó da Michele, com a moça da banquinha de açaí, com o óleo venezuelano, com os palestinos, com o Queiroz, com a Joyce, com o Mácron, com o papa, com a China, com o Intercept, com os robôs do WhatsApp, com o Maia, com a Globo, com o Alcolumbre, com o STF, com a imprensa, com os governadores do nordeste, com o Witzel, com o Doria, com o Caiado, com o Centrão, com os filhos, com o Bebiano, com os militares, com o relacionamento desgastado com os ministros, com os milicianos, etc etc etc...

Ou seja, a crise atual nada tem a ver com o COVID 19 e as estratégias para combatê-lo.

Eles querem é derrubar o presidente pois com ele no poder Executivo ninguém mais consegue roubar o Brasil. Entendeu ou quer que desenhe?
(Facebook – 2020)

Em outra postagem, um internauta não apenas reiterava as palavras apresentadas acima, como também satirizava o tratamento da imprensa direcionado às vítimas da pandemia.

Morre-se de pneumonia, leucemia, diabetes, infarte, derrame, pressão alta, gripe do porco do frango da girrafa do camelo e agora do morcego, de aids, assassinado, de acidentes, em guerras, de dengue, de câncer, vícios em drogas...

São tantos partindo seja crianças, adolescentes, adultos, idosos, pessoas sã, meio doente, doente por inteira. Ao todo são milhões de pessoas que morrem na soma de todos os dias, todas as horas, todas as semana, meses, anos.

Ué ninguém vai poder mais morrer ?

Como disse Renato Russo "O mundo anda tão complicado..."
(Facebook – 2020)

O texto, que acentua a banalização da morte, obedece ao tom despojado da linguagem coloquial. Encontra-se impregnado de ironia, estabelecendo o eixo comparativo entre diversas doenças/ patologias (“pneumonia”, “leucemia” etc) e a covid-19 (referenciada a partir do signo “morcego”). Sublinhando o citado signo (“morcego”), sugere-se o deboche a partir do momento em que propõe elencar outros animais com a pretensão de, igualmente, revestir o enunciado de comicidade (assim, além da doença do “morcego”, teríamos a “gripe da girafa”, do “camelo”...). Intercala ainda uma citação infeliz do cantor Renato Russo para finalizar suas reflexões (“O mundo anda tão complicado”). O tratamento desumano conferido a uma possível tragédia (“Ué ninguém vai poder mais morrer?”), entremostra, por meio da linguagem, sua visão de mundo, que não só legitimava a barbárie, como também a abordava com certa desfaçatez.

Ainda nesse contexto, outras declarações emitidas pelos demais usuários da plataforma sublinhavam o retorno aos porões de Auschwitz.

Um jovem internauta, jornalista e ávido defensor do governo federal, compartilhou uma publicação em que demonstrava preocupação com os índices de desemprego em meio à pandemia de 2020. Para tanto, responsabilizava o governador do Estado de São Paulo, João Dória, pela crise, visto que, de acordo com o internauta, a quarentena conduziria a cidade a uma situação insustentável. Após manifestações de apoio promovidas pelos demais usuários do *Facebook*, um outro jovem, também jornalista, mas evidenciando um olhar diferente para o problema, resolveu apresentar sua opinião: condenou aquela postagem e insistiu em sublinhar o isolamento como necessário para evitar um maior número de infectados. Aproveitando o contexto, ele ainda criticou a postura insensata do presidente Jair Bolsonaro, apontando-o como “genocida”. A resposta àquela crítica foi imediatamente publicada pelos adeptos do presidente, recorrendo à imagem de Luis Inácio Lula da Silva (que nem estava no debate sobre a crise sanitária) como mote para tecer a argumentação:

É... **Melhor apoiar um genocida do que ladrão.** O Bolsonaro não foi preso, não roubou tanto ao ponto de iniciar uma das maiores operações do Brasil como Lava Jato, não enganou os pobres como o outro fez....Sou de classe média e estou bem porque não acreditei no Papai Noel barbudo sem dedo nem na Boba da Corte dele que assumiu logo depois para maquiagem o rombo que ele deixou... Engraçado....Um ladrão que deixou um legado no país... Como o único presidente preso e uma idiota que sofreu impeachment... parabéns... Estamos na merda pelos bilhões roubados.
(Facebook, 2020, grifos nossos)

Em meio à discussão acalorada, nitidamente marcada pela polarização política, um terceiro sujeito, irritado, invadiu a postagem e questionou:

Vc prefere morrer , ou transmitir o vírus pros seus pais? É DISSO QUE SE TRATA .
(Facebook, 2020)

O primeiro internauta, então, retornou e prosseguiu o embate com a seguinte declaração:

Não tem preferência... O vírus a maioria das pessoas vão pegar.... Só que vamos nos tornar uma Venezuela se continuar assim... E aí....?
(Facebook, 2020).

Por meio dos dados encontrados, observa-se o quanto parte significativa de sujeitos que navegam pelo território virtual, ainda que utilizem o espaço informal do *Facebook* para emitir suas convicções, são motivados pelo aspecto passional e, muitas vezes, reproduzem o discurso contrário às orientações da OMS. A própria seleção lexical entremostra o ponto de vista que assumem perante o ambiente caótico instaurado, marcado por uma polarização bastante perigosa. Nessa linha, os textos construídos exploram o processo de antonímia binária, acentuando um efeito de sentido demarcado pela oposição entre Lula (rotulado como *corrupto* e *comunista*) e Bolsonaro (elevado como *honesto* e *religioso*), estabelecendo, assim, uma equação que simplifica as complexas relações políticas, sintetizando-as na dicotomia *mal x bem*. O que Jair Bolsonaro apresenta como virtude, de acordo com o fluxo de relatos, encontra-se em sua suposta “lisura”, ainda que isso possa ser questionado pelo fato de indicar um amigo da família para a Polícia Federal em um contexto em que os próprios filhos são investigados. Nessa linha, não estão em cogitação as barganhas para esconder as falcatruas estampadas nos jornais. Não importa, assim, se as reformas articuladas na atual gestão atingirão, de maneira desumana, os segmentos mais carentes, ou se o governo federal demonstrou evidente fragilidade no combate à crise sanitária, conforme registram os noticiários diariamente. A imagem do político “honesto” e “temente a Deus” parece bem mais forte, agrada setores mais conservadores, assegura credibilidade por parte de muitos cristãos e confere voz a xenofóbicos, racistas, misóginos, homofóbicos e grupos de católicos e protestantes intolerantes que, até então, evitavam se manifestar.

Em linhas gerais, a verve negacionista mantém-se viva e impactante nos enunciados disseminados por este grupo. A alusão ao mito da caverna e, conseqüentemente, ao modo cético como a doença foi abordada por parte dos internautas, parece atribuir novas cores à alegoria de Platão. Cores, possivelmente, capazes de caracterizar os discursos aqui em evidência. Na mitologia, um grupo de

prisioneiros vivia acorrentado no interior de uma caverna. Os homens, aqui, foram posicionados de forma que não conseguiam olhar para trás, apenas para frente, visualizando uma longa parede. Em suas costas, uma fogueira os aquecia diariamente, projetando as sombras daqueles que passavam em frente à gruta. As sombras constituíam todo o conhecimento que os prisioneiros tinham do mundo externo. Adiante, quando um dos sujeitos conseguiu se libertar, conheceu, enfim, a realidade que se configurava além da caverna. Ao regressar munido da grande descoberta, foi recebido com absoluto ceticismo. Logo, quando retornamos ao caso dos quatro internautas, a descrença perante a existência do vírus e, por conseguinte, sua negação, acentua-se como um traço bastante peculiar ao segmento analisado. Tanto que insistiam em refutar as orientações da OMS, estimulavam aglomerações, evitavam o uso de máscaras e, um ano depois, em 2021, com o surgimento da vacina, ergueriam bandeiras questionando sua eficácia.

Para não concluir e jamais esquecer

Diferente de outras formas de representação do homem brasileiro – geralmente desenhado por intermédio de tons pitorescos, em que sobressai sua postura amistosa, receptiva, criativa e até malandra – observou-se, por meio do discurso dos quatro grupos de internautas, o delineamento de uma heterogeneidade de vozes com características relevantes. Vozes estas que convergiam na constituição de uma teia de enunciados que expressavam a visão de mundo de diferentes sujeitos em um contexto histórico marcado por crise econômica, polarização política e início de uma pandemia que se estenderia por todo o ano de 2020. Nessa linha, vislumbramos como o espaço virtual muitas vezes torna-se palco para manifestações de discriminação contra a mulher, o negro, o obeso e o homossexual. Mesmo em meio a uma pluralidade de movimentos que combatam tal prática, o preconceito parece ainda arrastar-se no cotidiano da vida privada, nas relações interpessoais, na seleção lexical empreendida para se dirigir às minorias (ou majorias).

Nesse universo calamitoso, em que o país encontra-se devastado pela crise sanitária e a iminente recessão, o discurso de legitimação da barbárie parece ser reproduzido em larga escala. Em 28 de abril de 2020, quando o país somava 5.017 mortes por conta do coronavírus, o presidente da República foi abordado por uma repórter no Palácio da Alvorada. A jornalista apontou o número de vítimas e a resposta de Jair Bolsonaro foi desconcertante: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.” Um vídeo que, na época, circulava na internet, apresentava o ministro da saúde, Nelson Teich, sugerindo que seria muito mais adequado, para o sistema, direcionar o investimento das verbas no tratamento de pessoas jovens, e não de idosos. A secretária de cultura, Regina Duarte, minimizava o holocausto na Alemanha de Adolf Hitler e os assassinatos do período da ditadura no Brasil. Solidários a posicionamentos dessa ordem, internautas se manifestavam por meio de pronunciamentos que entendiam o autoritarismo como uma panaceia para os problemas vivenciados no país.

Em meio a tantos dissabores, o discurso dos interlocutores no universo virtual acabava expressando e reproduzindo as concepções de uma realidade construída por um determinado segmento social. A rigor, distanciavam-se os sujeitos de qualquer resquício de consciência a respeito de sua própria classe, de seu próprio grupo, do lugar que ocupam nas conflituosas relações de poder que movem a sociedade. Nas palavras de Freire (1987), revela-se, em maior ou menor grau, uma atitude de autodesvalia entre o indivíduo e aquele que o oprime. O oprimido demonstra uma irresistível atração pelo opressor, por sua maneira de viver e de se comportar. Passa, assim, a almejar, em sua

alienação, não só parecer com o opressor, mas também segui-lo e, principalmente, imitá-lo. As redes sociais, nessa linha, ganham relevância por constituírem uma tribuna, um canal de ampla repercussão para que se expressem. E aí reside uma das interfaces do problema. Como lembra Umberto Eco¹, o grande impasse personificado na suposta democratização da comunicação está na abertura com que confere a todo internauta para que apresente seu ponto de vista, seu testemunho, seu depoimento acerca dos mais variados assuntos. A avalanche de declarações possibilitada após tal abertura incorpora reflexões nitidamente agressivas, intransigentes e perigosas, conforme demonstramos ao transcrever o discurso de Narciso, Dorian Gray, Visconde de Sabugosa, Alex Delarg e, principalmente, dos prisioneiros da Caverna.

Na contramão de tantos percalços identificados no universo virtual, talvez ainda seja bastante oportuno o poema de Paulo Leminsky, intitulado “Contranarciso”, como caminho alternativo para repensarmos nossas relações com a imagem que *postamos* nas mídias sociais, com a imagem que *criamos* a respeito do nosso eu e, sobretudo, com a imagem que *absorvemos* dos nossos interlocutores:

Em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós
Paulo Leminski

Referências

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967 <https://rizomas.net/arquivos/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf>

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997 [primeira edição em 1929].

¹ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm> (acesso em 07/01/2021).

BRANDÃO, H. H. N. & MICHELETTI, G. “Teoria e Prática da Leitura” In: CHIAPPINI, L. *Aprender e Ensinar com Textos Didáticos e Paradidáticos*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: <Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf> > Acesso em 09 de janeiro de 2021.

BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. São Paulo: Ediouro, 2006.

BRUGESS, A. *Laranja Mecânica*. São Paulo: Aleph, 1962.

CANDIDO, A. O Direito à Literatura. CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSTA, T. R. *A beleza em tempos de selfie: retratos fotográficos e uma intimidade criada*. Rio de Janeiro: 2016. 58 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social). Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Edições Afrodite, 1967.

ECO, U. *Lector in Fábula: a Leitura do Texto Literário*. Tradução de M. Brito. Lisboa: Editorial Presença, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERREIRO, A; SOARES, N. M. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. *Revista Texto Digital*. Florianópolis, UFSC, N2, V2, p.185-207, jul.-dez. 2016.

JERÔNIMO, Isabel Cristiane. *O léxico do preconceito no discurso jornalístico*. 2007. 169 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise* Tradução de L. H. F. FERRAZ. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAGO, I. O Jair que há em nós. In: *Blog Ivann Lago*. São Paulo, 28 de janeiro de 2020. <https://ivannlago.blogspot.com/2020/02/o-jair-que-ha-em-nos.html> Acesso em 09 de janeiro de 2021.

LOBATO, M. *O Poço do Visconde* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980 [primeira edição em 1937].

LUIZ, F. T. *Reinações na Jecatatuásia: aspectos estético sociológicos da arte segundo Monteiro Lobato*. Assis: 2009. 372 f. Tese (Doutorado em Literatura e Vida Social). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C; *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte e Ensaios*. Rio de Janeiro, UFRJ, N 32, p.123-151, dez. 2016.

PIMENTEL, R. Um estudo sobre a hibridização de agrupamentos de gêneros no Facebook. Recife: 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
SILVA, T; SOUZA, F; NETO, V. Gêneros discursivos no Facebook: entre o letramento e os aspectos culturais da comunidade surda. *Revista Includere*. Mossoró, UFRSA, N2, V2, p.128-131, jul.-dez. 2016.

STIERLE, K. Que Significa a Recepção de Textos Ficcionalis? In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
TREVIZAN, Z. *O Leitor e o Diálogo dos Signos*. São Paulo: Ed. Clíper, 2000.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução Lígia Junqueira. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014 [primeira edição em 1890].

Filmografia

Laranja mecânica. Direção: Stanley Kubrick. Reino Unido e Estados Unidos, 1971. Produtora: Polaris Productions e Hawk Films. Distribuidora: Warner Bros.

A praça é nossa (programa de humor). Direção: Marcelo de Nóbrega. Brasil, 2020. Produtores: Edmilson Gatti, Moacir Firmino, Karen Di Tullio e Natália Lima. Emissora: SBT.

Pânico na Band (programa de auditório). Direção: Marcelo Nascimento. Brasil: 2017. Produtores: Jovem Pan. Emissora: Band.